

Apresentação:

A reconfiguração do catolicismo no Brasil no contexto da secularização

Carlos Eduardo Sell*
Jorge Botelho Moniz**

Apesar do aumento da diversidade confessional no campo religioso, o catolicismo ainda é a religião numericamente predominante no Brasil. Tomando esse fato como ponto de partida, o objetivo deste dossiê é refletir sobre a Igreja Católica e o catolicismo no Brasil no contexto das múltiplas formas de secularização. Em função dessa escolha, os trabalhos aqui reunidos estão organizados em dois eixos. Eles contemplam, de forma ampla, primeiramente a problemática da secularização, da secularidade ou da laicidade no Brasil. Em segundo lugar, em nível mais específico, eles discutem o perfil e evolução da Igreja Católica ou do catolicismo brasileiros e suas diferentes manifestações em nível cultural, institucional ou em suas práticas religiosas. Especial atenção é conferida aos desenvolvimentos e cruzamentos entre os diferentes segmentos internos da Igreja Católica no Brasil – como os católicos tradicionalistas ou conservadores, a Renovação Carismática Católica e movimentos afins (como o FOCOLARES), além do catolicismo da libertação – tentando compreendê-los como diferentes respostas ou estratégias de reconfiguração da Igreja Católica frente aos processos de secularização.

* UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Doutor em Sociologia Política.
carlos.sell@ufsc.br .

** Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa (Portugal), Doutor em Ciência Política. botelho.moniz@ulusofona.pt .

1. A atualidade da teoria da secularização

As teorias da secularização marcaram, de forma indelével, o debate científico na sociologia das religiões desde a década de 1960, tendo-se tornado hegemônicas nas ciências sociais. Todavia, os seus pressupostos foram progressiva e mais sistematicamente questionados, em particular, nas últimas décadas do século XX. Isso foi particularmente evidente nos anos 1980, com a aplicação das teorias econômicas aos estudos de religião, nomeadamente com as teorias da escolha racional e da economia religiosa (FINKE e STARK, 1988; IANNACCONI, 1991). Também nos anos 1990, com as teorias da individualização religiosa, incluindo as teses das *transcendências em encolhimento* (LUCKMANN, 1990), do *crer sem pertencer* (DAVIE, 1994), do peregrino e o convertido (HERVIEU-LÉGER, 1999) ou do ‘espiritual, mas não religioso’, que vieram desafiar o paradigma da secularização. Com base nesse questionamento, alguns dos princípios da secularização se tornam mais sistematicamente desafiados e reestruturados. Assim, se desenvolve e aprofunda a ideia de que religião e modernidade não têm de ser incompatíveis e que, mesmo em contextos de modernização avançada, a primeira pode vingar por conta dos impulsos da segunda.

Neste contexto, foi-se integrando a ideia das múltiplas modernidades na discussão sobre a secularização (SELL, 2017). Daí emergiu um conjunto de inovações conceituais e epistemológicas sobre o lugar da religião nas sociedades hodiernas. Proliferaram as ideias de dessecularização, pós-secularização, múltiplas secularizações ou secularidades. Estas perspetivas, além de denunciarem a resiliência da religião e a sua compatibilidade com a modernização, serviram para aproximar o olhar dos investigadores sociais, em especial aqueles dedicados ao estudo dos fenômenos religiosos, dos contextos regionais específicos – uma *secularização contextual* (MONIZ, 2017a). Ou seja, colocando de parte a visão da secularização como *narrativa mestre* – uma verdade simples acerca da evolução das sociedades modernas – os investigadores passaram a oferecer uma maior relevância ao contexto e às diferentes trajetórias históricas de cada continente, região ou país.

Não obstante seus defeitos ou “falácias internas” (MONIZ, 2017b) e as alternativas teóricas que foram surgindo, mesmo os críticos continuam relutantes em abandonar as teorias da secularização. Com efeito, existem algumas regras básicas sobre as quais se pode concordar relativamente a este processo. Em particular, a ideia de que, graças ao processo de racionalização, societalização ou segurança existencial das sociedades, as explicações religiosas

passam a ser desafiadas, sobretudo, no espaço público, por explicações causais. Daí que o estado da arte continue considerando que os pressupostos da secularização oferecem um quadro útil para a compreensão da situação da religião nas sociedades modernas. Tal como nos ensina Max Weber, os indivíduos, em condições modernas, não conseguem viver com a religião, mas também não conseguem viver sem ela (SELL, 2015). Esta é a complexidade dos nossos tempos – a religião pode passar simultaneamente por declínio, mutação e ressurgimento, dependendo dos distintos contextos políticos, culturais, confessionais e socio-históricos.

Esse dossiê se dedica precisamente a esse ponto, isto é, à compreensão de um contexto específico (Brasil) e de um campo de estudo (catolicismo) onde a secularização mais tem conduzido à fragmentação, adaptação e renovação. De fato, a agenda de estudos sobre o catolicismo tem estado relativamente estagnada no Brasil. O foco na atuação política dos evangélicos e nas disputas culturais deixou o estudo do perfil e das transformações da Igreja Católica e das diferentes formas de catolicismo, no quadro de uma sociedade cada vez mais secularizada, em segundo plano. É hora de voltar a uma autêntica e robusta sociologia do catolicismo e da Igreja Católica.

2. Enfrentando a secularização: a reconfiguração do catolicismo brasileiro

O *campo religioso brasileiro* e, em seu interior, o campo religioso católico experimentam atualmente um acentuado processo de mudança e diversificação (TEIXEIRA, 2012). No primeiro caso, essa diversificação está ligada ao processo de ascensão do neopentecostalismo (Evangélicos) e ao crescimento contínuo de formas de religiosidade não-institucional (sem religião). Segundo as últimas estatísticas do IBGE, divulgadas em 2010, os pentecostais representam 22.2% da população brasileira, 64.6% ainda se declaram católicos e 8% dos brasileiros declaram não possuir filiação religiosa definida. Conforme Pesquisa Datafolha de 13/01/2020, temos um quadro ainda mais alterado, pois ali se afirma que agora apenas 50% dos brasileiros são católicos, 31% são evangélicos e 10% não têm religião. Apesar das diferenças, esse processo de mutação é tão intenso que segundo relatório da *Pew Research Center* (2014), o Brasil não integra mais o grupo dos países onde o catolicismo é amplamente predominante (de 70 a 89%), ainda que continue majoritário (SIUDA-AMBROZIAK e CALDEIRA, 2021).

Da mesma forma, desde o período posterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965), também o *campo católico brasileiro* vem passando por profundas mudanças (TEIXEIRA, 2009). Elas se devem, por um lado, aos processos de renovação promovidos internamente pela Igreja Católica, mas elas também precisam ser compreendidas à luz das mudanças externas no cenário social (industrialização, urbanização, informatização, etc.) e religioso (avanço do pentecostalismo) do Brasil. Sua face mais visível é o surgimento de novas tendências no interior do catolicismo, em especial o Cristianismo da Libertação (TL), a Renovação Carismática Católica (RCC) e os grupos neotradicionalistas. Ambos foram profundamente estudados nas ciências sociais (STEIL e HERRERA, 2010; SOFFIATI e MOREIRA, 2018) e algumas das principais conclusões dos analistas podem ser resumidas do seguinte modo.

O *Cristianismo da Libertação*, que nasce em 1971, no Peru, com o livro de Gustavo Gutiérrez, foi a tendência hegemônica no Brasil nos anos 70 e 80 (LÖWY, 2016), mas nos anos 90 passou a sofrer um momento de crise e reformulação cujos contornos ainda são incertos. Além das intervenções do Vaticano (em 1984 e 1986), o fim do socialismo (em 1989) e a subsequente crise do marxismo, provocaram questionamentos sobre a centralidade da opção pelos pobres como eixo desta teologia (BOFF, 2007) e estimularam a busca por novos métodos e temas (teologia econômica, eco-teologia, feminismo, questões raciais, etc.). Não obstante, o Cristianismo da libertação ainda é muito forte no Brasil e está especialmente presente em setores do episcopado, bem como no conjunto das Pastorais Sociais e das chamadas Comunidades Eclesiais de Base/CEBS (GUIMARÃES, 2022).

A *Renovação Carismática Católica* (RCC), fundada em 1967, foi interpretada como uma forma de pentecostalismo católico que, após seu período de fundação, foi regulada pela hierarquia católica (CARRANZA, 2000) e passou a ser uma opção estratégica para combater os segmentos da esquerda católica, considerados os principais responsáveis pelo avanço do pentecostalismo (ORO e ALVES, 2013). Atualmente, ela consolidou sua estrutura em torno de grupos de oração (nas bases) e comunidades de vida (na cúpula) e possui forte atuação nos meios de comunicação social (DA SILVA, 2020).

Por fim, os *grupos tradicionalistas*, que se caracterizam pela crítica do Concílio Vaticano II, migraram do anticomunismo da primeira fase, cujo protótipo era o movimento da TFP (Tradição, Família e Propriedade) para, em parte, serem absorvidos pela Igreja através de novos grupos como os Arautos do Evangelho, o Centro Dom Bosco, etc. (COPPE et al., 2021). A

partir desta condição de liminaridade, eles têm atuado com forte ressonância nas redes sociais e investem pesadamente na crítica aos setores ligados à Teologia da Libertação e às opções político-pastorais da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (PASSOS, 2020).

Surpreende, contudo, que as pesquisas sobre o cenário católico realizadas no Brasil dediquem escassa atenção à dimensão institucional da Igreja, em particular ao *estudo do clero católico* (padres e bispos). Esse aspecto parece, de fato, um grande vácuo na pesquisa¹, ainda que, dando sequência ao que no passado já foi chamado de “sociologia religiosa”, existam interessantes estudos realizados por pesquisadores ligados à própria Igreja (BRIGHENTI, 2021; PEREIRA, 2023). Apesar de serem poucos, eles sugerem que existe uma mudança geracional na hierarquia da Igreja que, por sua vez, está acompanhada por deslocamentos na visão sociopolítica e teológico-doutrinal dos padres católicos e a uma cisão entre duas gerações: uma primeira mais próxima da Teologia da Libertação e outra, mais recente, ligada à RCC e aos grupos tradicionalistas ou que adotam uma postura mais institucional, ligada às posições oficiais da Igreja.

De todo modo, as tendências acima descritas, que representam setores ou movimentos organizados no interior do catolicismo (quase como Igrejas dentro da Igreja), e mesmo a enorme estrutura institucional da hierarquia católica, com suas 45 Arquidioceses, 220 Dioceses, 465 bispos e 21.812 padres, 11.816 Religiosos e 27.182 Religiosas², caminham lado-a-lado com o *catolicismo popular* brasileiro, presente na memória cultural e representado por uma enorme massa de fiéis ditos “não praticantes” que, apesar da escassa participação na vida da Igreja (somente 8% dos fiéis católicos brasileiros frequentam regularmente a missa³), ainda constituem a principal base desta confissão religiosa (STEIL e TONIOL, 2021).

Conforme a orientação teórica aqui adotada, podemos entender essa diversificação interna do catolicismo como diferentes respostas ao processo de secularização. Dito de forma mais precisa, na medida em que se verifica um processo de descolamento entre cultura nacional e cultura católica,

¹ Um notável estudo sobre o episcopado brasileiro na Primeira República foi realizado por Micelli (MICELE, 1988) e o estudo das elites eclesiásticas também é desenvolvido por Seidl (SEIDL, 2017).

² Dados disponíveis em: https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2022/04/dados_episcopado_brasileiro_fernando_alt_jr.pdf.

³ Informação disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626380-onde-a-frequencia-a-missa-e-maior-ou-menor>.

a Igreja Católica se vê forçada a assumir cada vez mais uma identidade confessional frente a outras denominações religiosas. E, na sua busca por preservar e simultaneamente modificar este catolicismo cultural, os segmentos internos da Igreja Católica no Brasil mesclam, segundo lógicas distintas, elementos tradicionais e modernos. Mesmo a vertente carismática, ainda que defenda valores morais e doutrinários oficiais da Igreja, serve-se da dinâmica modernizante dos meios de comunicação de massa e possui afinidades e trânsitos com a lógica subjetiva e emocional de tipo pós-moderno. Também os grupos tradicionalistas, ainda que idealizem o passado pré-conciliar, apelam, paradoxalmente, para elementos da consciência subjetiva (modernos) para contestar as opções “modernistas” da hierarquia católica. De modo similar, as vertentes mais politizadas da esquerda católica, ao mesmo tempo em que estimulam o engajamento político no contexto secular, reforçam, via CEBS e movimentos sociais, uma lógica identitária e comunitária de tipo tradicional. Portanto, o esquema *tradição e modernidade* continua a ser um instrumento heurístico importante para entender as transformações do catolicismo no Brasil. Mesmo assim é preciso recusar seu uso dicotômico para captar, em sua devida complexidade, as formas desiguais e combinadas pelas quais a dinâmica do tradicional/moderno se encontra articulada naquele que ainda é o maior segmento confessional do Brasil.

3. Situando os artigos no contexto da secularização e reconfiguração do catolicismo

A reflexão acima nos oferece o esquema analítico em torno dos quais os artigos aqui reunidos, longe de formarem um conjunto disforme, revelam seu potencial explicativo.

O primeiro conjunto de textos ilumina diferentes aspectos do processo de secularização no Brasil, seja no momento presente, seja na história brasileira. Jorge Botelho Moniz e José Brissos-Lino (*Secularismo e populismo religioso em Portugal*) nos oferecem uma interessante possibilidade de análise comparativa. Tomando a realidade de Portugal como referência, eles nos mostram que a tendência de desprivatização religiosa – um dos aspectos centrais da secularização – abre caminho para a religião e o populismo religioso aumentarem sua proeminência no espaço público e nas agendas políticas. Com Paula Montero essa mesma realidade é observada no caso brasileiro, pois ao examinar os argumentos dos 11 ministros do Supremo Tribunal Federal que, em 2017, decidiram pela constitucionalidade da oferta

de ensino confessional na escola pública (*Ensino Religioso Escolar nos votos do STF: a religião como crença*), ela explicita o que, nessas narrativas jurídicas, conta como religião. A análise conclui que, ao atribuir ao domínio do religioso o privilégio do “cultivo de valores morais e espirituais” e o monopólio ético da formulação dos “sentimentos humanos universais”, a Suprema Corte do Brasil naturalizou as crenças, religiosas ou éticas, interpretando-as como elementos necessários para a vida coletiva e a construção da cidadania. Tal consenso revela a enorme dificuldade de imaginar formas de vida coletiva alheias à religião.

Com Ana Rosa Clochet da Silva nos deslocamos do presente e suas lutas políticas para o campo da história. Ela mergulha fundo em nosso passado e nos faz retornar ao século XVIII para entender as disputas discursivas entre católicos regalistas e ultramontanos na defesa de modelos alternativos de relacionamento entre religião e política (*Liberdade religiosa no Brasil oitocentista: uma história de “fronteiras borradas”*). Dessa forma ela contribui para a compreensão do padrão histórico de fluidez de fronteiras entre religião e política no Brasil. O mesmo caminho histórico nos é sugerido por Gilson Ciarallo que observa como o processo de secularização no Brasil pode ser compreendido tomando como fio condutor a história da educação de nosso país. O artigo (*Momentos do processo de secularização da educação no Brasil: da fusão à cisão*) examina, em quatro fases (fusão e monopólio, desmonopolização, diversificação e cisão), momentos do jogo de interações entre as esferas da educação e religião no Brasil e demonstra como a esfera educacional autonomizou-se em relação à religião. E, como que a confirmar a validade da via histórica, André Augusto Diniz Lira e Júlio César Adam percorrem este mesmo percurso ao interior da própria Igreja Católica, mas dessa feita tomando como trilha a evolução dos diretórios catequéticos brasileiros (de 1971, 1997 e 2020) que revelam como a Igreja Católica procura adaptar sua pedagogia frente à lógica da secularização (*A catequese católica: caminhos da secularização ou da abertura?*).

O segundo bloco de trabalhos, por sua vez, ocupa-se da variedade de manifestações e tendências do catolicismo no Brasil. Josué de Souza e Valmor Schiochet captam, em chave weberiana, as transformações da renovação da vertente de esquerda do cristianismo da libertação que, frente à crise das visões sistêmicas e totalizantes, procura reabilitar o potencial das experiências comunitárias na crítica e superação do capitalismo (*Economia e ética religiosa: afinidades eletivas entre a ética da libertação e a economia solidária*). Cleiton Costa

de Santana e Márcio Luiz Fernandes (*A recepção focolarina dos documentos do CELAM*), por sua vez, revelam que o movimento de FOCOLARES não ficou imune ao brutal cenário de desigualdade na América Latina, mas desenvolveu sua própria maneira (Economia da Comunhão) de incorporar as preocupações sociais do episcopado latino-americano. Em direção contrária, uma estratégia de disputa da linguagem foi detectada por André Boccato Almeida, Lúcia Eliza Ferreira Silva e Marcelo Henrique Souza na análise que fazem da Renovação Carismática Católica (*O neoconservadorismo no movimento carismático católico brasileiro e a resistência ao Concílio Vaticano II: uma análise sociorreligiosa da linguagem*). Mas isso não significa que, como apontam Lara Pazinato Nascimento, Frank Antonio Mezzomo e Brandon Lopes dos Anjos, a RCC não tenha desenhado sua própria estratégia de inserção na esfera político-partidária (*O ministério fé e política nas eleições à assembleia legislativa do Paraná em 2018*).

Ao detectarem as transformações vividas pelos grupos católicos ao longo das últimas décadas, as análises acima resumidas mostram que tais segmentos não devem ser compreendidos isoladamente e suas relações e conexões não se reduzem à lógica do paralelismo e da oposição. As relações de retro-alimentação entre os setores do catolicismo brasileiro são múltiplas e expressam não apenas sua diversidade, mas também a vivacidade do campo católico brasileiro.

Referências

BOFF, Clodovis. Teologia da libertação e volta ao fundamento. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, out. 2007.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero**: Perfil dos padres novos no Brasil. Editora Vozes, 2021.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe; DA SILVEIRA, Emerson José Sena. Catholic Church and Conservative-Traditionalist Groups: the Struggle for the Monopoly of Brazilian Catholicism in Contemporary Times. **International Journal of Latin American Religions**, v. 5, p. 1-27, 2021.

CARRANZA, Brenda. (2000). **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências. Editora Santuário.

DA SILVA, Emanuel Freitas. **Novas Comunidades**: a retomada “carismática” da tradição católica?. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 25, p. 35-57, 2020.

DAVIE, Grace. **Religion in Britain Since 1945**: Believing Without Belonging. 1.^a Ed., Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

FINKE, Roger; STARK, Rodney. Religious economies and sacred canopies: religious mobilization in American cities, 1906. **American Sociological Review**, vol. 53, n. 1, 1988, p. 41-49.

GUIMARÃES, Edward. **50 Anos de Teologias da Libertação**: memória, revisão, perspectivas e desafios–Volume 1. Editora Recriar, 2022.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La Religion en Mouvement: Le Pèlerin et le Converti**. Paris: Flammarion, 1999.

IANNACONE, Laurence Robert. The consequences of religious market structure: Adam Smith and the economics of religion. **Rationality and Society**, vol. 3, n. 2, 1991, p. 156-177.

LUCKMANN, Thomas. Shrinking transcendence, expanding religion?. **Sociological Analysis**, vol. 50, n. 2, 1990, p. 127-138.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação**: religião e política na América Latina. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

LÖWY, Michael; SOFIATI, Flávio Munhoz; ANDRADE, Luis Martínez. Apresentação: Cristianismo da libertação e Teologia da libertação na América Latina. **Sociedade e Cultura**, v. 23, 2020.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Editora Bertrand Brasil, 1988.

MONIZ, Jorge Botelho. As falácias da secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. **Política & Sociedade**, vol. 16, n. 36, p. 74-96, 2017b.

MONIZ, Jorge Botelho. Múltiplas modernidades, múltiplas secularizações e secularização contextual: novas perspectivas sobre o estudo sociológico da religião. **Religião e Sociedade**, vol. 37, n. 3, p. 125-149, 2017a.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião & Sociedade**, v. 33, p. 122-144, 2013.

PASSOS, José Décio. **A força do passado na fraqueza do presente**: o tradicionalismo e suas expressões. Paulinas, 2020.

PEREIRA, José Carlos. **Operários da fé**. Matrix Editora, 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio; TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2006.

SEIDL, Ernesto. Uma elite pouco (re) conhecida: o episcopado brasileiro. **Tempo Social**, v. 29, p. 35-60, 2017.

SELL, Carlos Eduardo. A secularização como sociologia do moderno: Max Weber, a religião eo Brasil no contexto moderno-global. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 3, n. 6, p. 11-46, 2015.

SELL, Carlos Eduardo. A multiplicidade da secularização: a sociologia da religião na era da globalização. **Política & Sociedade**, v. 16, n. 36, p. 44-73, 2017.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Editorial - Transformations of Latin American Catholicism Since the Mid-20th Century. **International Journal of Latin American Religions** , v. 5, p. 1-4, 2021.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. **Catolicismo brasileiro**: um painel da literatura contemporânea. *Religião & Sociedade*, v. 38, p. 277-301, 2018.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. **Sociologias**, p. 354-393, 2010.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Strong Church, Weak Catholicism: Transformations in Brazilian Catholicism. **Journal of Global Catholicism** , v. 5, p. 4-29, 2021.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata,(orgs). **Catolicismo Plural**. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Editora Vozes Limitada, 2014.